

## REVELAÇÕES POSSÍVEIS SOBRE O AGIR DO PROFESSOR EM RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Maria Anunciada Nery Rodrigues<sup>i</sup>

**Resumo:** Este artigo contribui para uma reflexão sobre a formação inicial de professores, por meio da análise das representações discursivas sobre o trabalho do professor materializadas em relatórios de estágio. Mais especificamente, objetiva investigar como o agir docente, tanto do professor regente quanto do estagiário, é representado e avaliado em relatórios de estágio. Para fins de análise dos dados, consideramos, em particular, as modalizações, verificando os julgamentos/avaliações representados em três relatórios. Para tanto, fez-se necessário um estudo sobre os mecanismos enunciativos, seguindo o aparato teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo-ISD (BRONCKART, 1999, 2006, 2008). Os resultados apontam que os professores em formação observam as ações do professor regente, questionando-as e avaliando-as perante as representações que têm a respeito de uma prática docente inovadora.

**Palavras-chave:** Estágio. Relatório. Agir docente. Representações.

**Abstract:** This paper aims to promote a discussion about the initial formation of teachers, through the analysis of discursive representations of the teacher's work construed in internship reports. More specifically, it aims to investigate how the act of teaching, encompassing not only the classroom teacher, but also the trainee, is represented and evaluated in these reports. For the data analysis, we consider, in particular, the use of modalization as a means of checking judgments / assessments represented in three of the reports. In order to do so, it was necessary to study the enunciative mechanisms, following the theoretical-methodological approach proposed by Socio-discursive Interactionism (Bronckart 1999, 2006, 2008). The results show that teachers in formation observe the actions of the supervising teacher, questioning and evaluating them against the representations concerning an innovative teaching practice.

**Keywords:** Internship. Report. Teacher practice. Representations.

---

<sup>i</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Instituto Federal do Tocantins (IFTO). E-mail: anrpaula@yahoo.com.br.

## Introdução

A formação inicial constitui-se em um processo no qual o futuro professor vivencia questões preliminares do exercício profissional. O processo de inserção de estagiários na carreira docente tem se revelado um momento de grande importância não apenas por ser um período de ajustamento do sujeito à profissão docente, mas, principalmente, pelas implicações dele decorrentes. Essas implicações colocam em pauta tanto a formação inicial desses futuros professores quanto a instituição que os acolhe como estagiários.

Comumente, fazem parte do período de estágio a observação de professores em atuação, a regência de sala de aula e o registro de todas essas atividades, por meio de relatórios. O relatório de estágio é um documento muito rico a ser explorado, pois mostra o olhar que o aluno-estagiário tem sobre o professor e a visão que possui acerca da profissão docente. É nesse documento que o estagiário apresenta as práticas que o docente e ele próprio utilizaram em sala de aula, as metodologias de ensino, as atividades propostas para os alunos, os conteúdos aplicados, além de comentar sobre aspectos do cotidiano escolar e sobre as dificuldades no desenvolvimento do trabalho. Assim, por meio da ação desse gênero é possível refletir em duas dimensões: o fazer do professor (as condições que cercam seu agir, as habilidades que ele demonstra ter sobre as atividades de elaboração, planejamento e execução) e as representações que os alunos-estagiários possuem de suas ações e das ações dos docentes em sala de aula (LOPES, 2007, p. 22). Desse modo, acreditamos que a análise desses textos poderá contribuir para um maior entendimento dos discursos que se desenvolvem sobre o trabalho docente no contexto específico dessa atividade de formação. Esse conhecimento pode interessar aos envolvidos nessa prática: professores supervisores, professores regentes, futuros estagiários e demais interessados na formação de professor, permitindo-nos ainda repensar o estágio como um momento de desenvolvimento profissional.

Neste artigo, apresentamos a análise de três relatórios produzidos por alunos do curso de Letras de uma universidade pública da Paraíba, para a disciplina de Prática de Ensino de Língua Portuguesa. Essa análise teve por objetivo investigar como o agir docente, tanto do professor regente quanto do estagiário, é representado e avaliado em relatórios de estágio. Mais precisamente, interessaram-nos as marcas linguísticas que evidenciassem os

mecanismos enunciativos usados pelos estagiários (autores dos relatórios) nas representações discursivas que organizam os relatórios de estágio. Para tanto, fez-se necessário um estudo sobre os mecanismos enunciativos, seguindo o aparato teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo- ISD (BRONCKART, 1999, 2006, 2008).

Para atender aos objetivos propostos, este artigo foi dividido em quatro partes, em que expomos, sucessivamente, os mecanismos enunciativos, particularmente, as modalizações; a constituição e as características do gênero textual relatório de estágio; a análise dos relatórios; e, finalmente, as considerações finais a que chegamos, seguidas das referências.

### **Abordagem dos mecanismos enunciativos no ISD**

Para a análise de qualquer gênero de texto, Bronckart (2008, p. 119) propõe um modelo coerente da organização interna dos textos que corresponde à própria arquitetura textual ou ao folhado textual. O folhado é composto pela infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Por conta de limite de espaço, discutiremos neste texto apenas os mecanismos enunciativos, nível em que situaremos este trabalho.

Dentre os mecanismos enunciativos abordados por Bronckart na obra citada acima serão especificamente as modalizações o objeto de análise dos relatórios de estágio. A razão deste recorte se deve ao fato de as modalizações terem como objetivo geral “traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (BRONCKART, 1999, p. 330), contribuindo para orientar o destinatário na interpretação desse conteúdo.

A modalização é vista como as marcas do posicionamento do sujeito nos enunciados e das relações que estabelece com seu interlocutor. São avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) sobre alguns aspectos do conteúdo temático; são sempre locais e podem ocorrer em qualquer plano da arquitetura textual.

As modalizações favorecem a interação leitor-texto e ainda fornecem informações para a interpretação do conteúdo temático. Podem ser identificadas por meio de unidades ou de conjuntos de unidades linguísticas de níveis muito diferentes, como o tempo verbal no futuro do pretérito (*seria*

*perfeito*), os auxiliares de modalização (*poder, ser preciso, dever* etc.), certos advérbios (*certamente, sem dúvida* etc.), certas frases impessoais (*é evidente que...; é possível que...*) etc. Segundo Bronckart (2008), o ser humano participa a todo momento das avaliações sociais, aplicando critérios de avaliação e julgando a pertinência do agir dos outros em relação aos *mundos representados* (físico, social e subjetivo). O pesquisador, inspirado na *Teoria do Agir Comunicativo* de Habermas (1989), categoriza quatro tipos de modalizações: lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas.

As modalizações lógicas (ou epistêmicas) ocorrem quando as avaliações do conteúdo temático são baseadas nos critérios da lógica formal, que definem o mundo objetivo. O conteúdo temático é avaliado conforme as condições de verdade, como fatos certos, possíveis, prováveis, improváveis. São marcadas por verbos como *poder e dever*, além de palavras ou expressões como *talvez, necessariamente, é evidente que* etc.

As modalizações deônticas referem-se às avaliações do conteúdo temático que são apoiadas em valores, isto é, em opiniões e regras do mundo social, apresentando os fatos enunciados como (socialmente) permitidos, proibidos, necessários, desejáveis. Elas são marcadas por verbos e locuções como *dever, ter obrigação de, é necessário, é lamentável que* etc.

As modalizações apreciativas referem-se às avaliações feitas com base em critérios subjetivos, afetivos ou morais, apresentando os fatos enunciados como bons, maus, estranhos, conforme o ponto de vista do sujeito que avalia. São representadas por verbos como *gostar, apreciar, odiar* ou por advérbios como *felizmente, infelizmente* etc.

As modalizações pragmáticas servem para esclarecer aspectos da responsabilidade de algum agente do texto, em termos de valores utilitários, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder-fazer), de intenção (o querer-fazer) e das razões (o dever-fazer). São representadas por verbos como *tentar, querer, saber, pretender* etc.

Pode-se, também, identificar a avaliação nos textos a partir dos adjetivos, que são marcas de subjetividade do enunciador sobre um determinado objeto temático e, no caso específico desta pesquisa, sobre o professor.

## O relatório de estágio

O relatório de estágio, gênero que constitui o objeto deste estudo, além de configurar-se como uma prática discursiva importante no processo de letramento do professor em formação, constitui um gênero textual propício ao exercício da descrição e da análise das ações efetivamente vivenciadas na escola. Constitui-se em uma exposição objetiva dos fatos observados e das atividades desenvolvidas, seguido de uma análise crítica e conclusiva, em que, além de relatar sua experiência, o estagiário deve demonstrar o conhecimento adquirido durante a graduação, traçando conclusões e, se necessário, recomendações.

A estrutura básica do relatório de estágio apresenta, tipicamente, uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão, com apresentação de resultados e, dependendo do objetivo do relato, pode apresentar recomendações. Essa organização é bastante consensual entre os estudiosos do gênero, entre os quais Ribas, Levis e Boschila (apud FLÔRES, OLÍMPIO e CANCELIER, 1994). Observa-se ainda certa tendência à inclusão de reflexões pessoais e autoavaliação da experiência vivenciada.

Para Leurquin (2008), o relatório de estágio apresenta três características importantes e inter-relacionadas: a) é um texto feito para ser avaliado pelo professor, mas também b) viabiliza a interação entre os interlocutores nele envolvidos e, devido ao contexto de leitura e produção c) deve provocar posteriores ações educativas.

Deste modo, o relatório de estágio é um registro que o aluno-estagiário faz sobre as ações desenvolvidas em sala de aula e passa a ser um instrumento de avaliação quando é entregue ao professor supervisor para que seja avaliado. Enquanto um viés que proporciona situações de interação, o relatório apresenta-se como espaço em que os interlocutores (o aluno-estagiário e o professor) constroem significados, posicionando-se em relação a situações descritas. Mas o relatório, segundo Leurquin, só poderá se constituir em um instrumento provocador de mudanças de práticas pedagógicas se as situações problemas descritas forem analisadas e para elas forem planejadas ações pedagógicas.

Diante dessas considerações, temos em vista contribuir para uma reflexão sobre a formação inicial de professores, por meio da análise e da

interpretação das representações construídas sobre o trabalho do professor nos chamados relatórios de estágio.

### **Análise do nível enunciativo dos relatórios**

Antes de iniciarmos a análise, convém destacarmos que nosso *corpus* é constituído por três relatórios de estágio produzidos por formandos do Curso de Licenciatura em Letras de uma instituição pública localizada no Estado da Paraíba. Optamos em analisar as produções realizadas pelos estagiários, pautando-nos nos aportes teóricos descritos anteriormente e mais especificamente na questão das modalizações.

No geral, ressaltamos que a modalização pode ser concebida como uma estratégia utilizada pelo enunciador para expressar sua relação proposicional com o que está sendo dito, explicitando o seu julgamento, ou seja, são marcas deixadas pelo sujeito em seu discurso.

Para fins deste nível de análise dos dados, detivemo-nos, em particular, nas modalizações, verificando os julgamentos/avaliações que os enunciadores construíram a respeito das diversas situações representadas nos relatórios. Para concretizar a análise dos conceitos avaliativos buscamos identificar os segmentos que trazem ações linguageiras que apresentam características valorativas em sua construção semântica. Com base no estudo desses segmentos, efetuamos uma lista com as principais sequências que apresentaram elementos valorativos; em seguida dividimos essas sequências de acordo com as modalizações.

As **modalizações apreciativas** foram as mais recorrentes nos relatórios, traduzindo “um julgamento mais subjetivo, apresentando os fatos como bons, maus [...] na visão da instância que avalia” (BRONCKART, 1999, p. 132). Verificamos que essas avaliações referiram-se, sobretudo, às aulas e ao agir do professor regente, como podemos ver nos excertos a seguir:

Excerto (1): A professora direcionou as aulas **de forma organizada e questionava bastante** sobre as informações de cada texto lido.

Excerto (2): (A professora) **Conseguia**, em todas as aulas, **fazer com que os alunos participassem de forma bastante satisfatória**

Excerto (3): [...]a professora abordou apenas conteúdos gramaticais. O resultado foi **desastroso: um total desinteresse dos alunos**

Excerto (4): A professora Célia expôs o conteúdo Concordância **de uma forma muito tradicional**.

Observando os excertos, percebemos que o trabalho dos professores regentes é avaliado, principalmente com base na metodologia empregada nas aulas e no comportamento dos alunos diante dessas aulas. Essas avaliações ora são positivas, como nos excertos 1 e 2, ora são negativas, excertos 3 e 4. Isso revela que a atividade dos estagiários resumia-se a observar as aulas do professor regente, sem refletir sobre essas aulas, sem se aprofundar em questões que os ajudassem a compreender os problemas da prática docente. O estágio sob esta perspectiva não favorece a análise crítica, nem consegue despertar nos futuros professores uma atitude de pesquisador.

Entendemos que é preciso que os estagiários desenvolvam um olhar crítico sobre a realidade que vivenciam no cotidiano escolar. E esse olhar crítico, longe de se estabelecer pelos relatos de aspectos comportamentais dos professores regentes, deve se instaurar por meio de um olhar mais investigativo sobre a realidade escolar, a fim de compreendê-la a partir de relações possíveis de serem estabelecidas entre a teoria e a prática. É nesse movimento de deslocar-se entre a teoria estudada nas diferentes disciplinas do curso e a prática na escola-campo que é possível construir um estágio significativo para o processo de formação inicial de professores.

As aulas ministradas pelos estagiários também foram avaliadas a partir do comportamento dos alunos, ocorrendo modalizações apreciativas, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Excerto (5): A aula foi **bastante movimentada e participativa**, pois cada aluno queria levantar hipóteses...

Excerto (6): A aula foi **bastante descontraída**, os alunos foram muito participativos...

Excerto (7) Nesse dia, **a sala ficou um pouco barulhenta**, porque eles fizeram o exercício em dupla...

Nas sequências expostas, os estagiários utilizaram vários adjetivos e quantificadores para avaliar as aulas que ministraram, julgando-as a partir das reações dos alunos diante das atividades desenvolvidas; por exemplo, a aula foi bastante movimentada e descontraída, pois houve participação dos alunos, ou foi um pouco barulhenta porque fizeram a atividade em grupo. Interessante destacar que esses mesmos alunos são julgados como

desinteressados e pouco participativos nas aulas dos professores regentes, como podemos conferir nas sequências:

Excerto (8): Notei que nem todos os alunos cumpriram a atividade. **Alguns não demonstraram interesse**

Excerto (9): ... **os alunos eram dispersos** e tinham preferência pelo estudo da gramática a ter de ler.

Duas razões podem ser apontadas para a forma como os alunos são representados nos relatórios, ora como desinteressados, nas aulas dos professores regentes, ora como participativos, nas aulas dos estagiários. Uma pode relacionar-se ao fato de eles estarem vivenciando uma situação diferente - ter aulas com o professor-estagiário por si só pode despertar o interesse dos alunos, mesmo que por pouco tempo; a outra razão pode estar relacionada à maneira de dar aula: à repetitividade do professor, causando desinteresse nos alunos; ou o uso de metodologias adequadas pelo professor-estagiário, tornando o ensino significativo e interessante.

Compreendemos que o prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo, em alguns casos, encarada como obrigação. Alguns não se sentem bem quando são obrigados a lerem um texto, a ouvirem uma aula que não interessa, a realizarem um trabalho do qual não gostam, a ficarem sentados horas seguidas sem se mexerem. Nestas circunstâncias, o que é feito com má vontade não produz aprendizagem e muito menos realização. Ao contrário, a imposição de atividades desinteressantes só pode levar ao descontentamento que se expressa através da apatia. Por outro lado, métodos didáticos que possibilitem a livre participação do aluno, a discussão e a troca de ideias com os colegas e a elaboração pessoal do conhecimento, contribuem de forma decisiva para a aprendizagem e desenvolvimento da personalidade dos educandos.

Outro aspecto avaliado nos relatórios foi a própria prática de estágio, sendo julgada como necessária e importante para a formação do professor:

Excerto (10): Durante o período que eu passei na academia muitos conhecimentos foram adquiridos através de conceituações, discussões, pesquisas, palestras, reflexões..., mas só agora percebo o quanto a **experiência prática é importante para nos deixar aptos a ensinar.**

Excerto (11): A prática de ensino na escola-campo é um fazer acadêmico necessário à formação profissional. **É essencial** no apoio e na preparação do graduando.



Excerto (12): **O período do estágio** serviu para mostrar a estagiária o quanto **é difícil e ao mesmo tempo gratificante** o trabalho docente. Esse momento tornou-se deveras **importante no processo de definição profissional que ora se inicia**.

Nas sequências descritas acima, percebemos que os estagiários compreendem o Estágio Curricular como espaço de aprendizagens, considerando que eles apontam como construções significativas tanto o momento de orientação, ocorrido na Universidade, quanto o da realização do estágio nas escolas-campo. Também concebem o estágio prático como um processo que contribui com o fazer profissional do futuro professor, ajudando-os a decidirem se querem mesmo ser professores. Entendemos que o estágio é fundamental na formação do professor, mas ainda existem muitas fragilidades nos cursos de formação que oferecem aos estagiários o ensino teórico-científico; neste sentido, o aprendizado de ser professor é adquirido por eles praticamente sozinhos e é aí que muitos se identificam ou não com a profissão. Portanto, fica clara a necessidade de despertar nos estagiários uma reflexão quanto à maneira como eles estão se construindo professores.

Em relação às incidências de modalizações **deônticas**, verificamos que estas ocorreram nas seções de Introdução e Conclusão dos relatórios, quando os estagiários assumem um posicionamento mais argumentativo e atribuem ao professor de Língua Portuguesa, no geral, a responsabilidade pela realização de determinadas ações, apresentando elementos como sendo do domínio da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso. Confirmamos isso nos excertos a seguir:

Excerto (13): O professor de Língua Portuguesa **deve promover a produção de textos** orais e escritos... **Deve trabalhar a leitura**, porque o aluno descobre bons modelos para seguir. **Deve também estimular o aluno** a falar, criar e escrever...

Excerto (14): **O professor tem que mudar**, trabalhar com textos, com gêneros variados...

Excerto (15): **Cabe ao professor** estabelecer uma troca de ideias com os alunos, **fazer com que eles**, através da reflexão, construam seu próprio conhecimento.

Nas sequências que serviram de exemplos, as modalizações deônticas aparecem marcadas por verbos e expressões (**deve promover, deve trabalhar, deve estimular, O professor tem que mudar, Cabe ao professor...**) que possuem um caráter instrutivo e demonstram concepções do que seria

certo ou errado em relação ao trabalho real do professor de português, propondo um ensino de língua diferenciado.

Observamos que os estagiários compreendem que o ensino da língua tem que ser feito de forma que desenvolva no aluno sua capacidade de compreender textos orais e escritos, de assumir a palavra e produzir textos, em situações de participação social, como podemos ver nos exemplos: “O professor de Língua Portuguesa deve promover a produção de textos orais e escritos... Deve trabalhar a leitura... Deve também estimular o aluno a falar, criar e escrever...” “O professor tem que mudar, trabalhar com textos, com gêneros variados...”. Trata-se da mudança de postura do profissional de ensino em relação à concepção de linguagem e do que é ensinar língua materna. Isso requer do professor estar informado sobre o que há de novo em teorias de linguagem, pois sem esta abertura a novas concepções de ensino fica impossível pensar numa transformação no ensino de Língua Portuguesa.

No entanto, mesmo com a existência de discussões teóricas e críticas sobre o ensino da Língua Portuguesa, observam-se poucas mudanças efetivas na escola. Em verdade, pode-se dizer que o professor de Língua Portuguesa se encontra num completo dilema, entre o novo e o tradicionalista, não conseguindo definir-se sobre o que e como ensinar. No caso dos estagiários, apesar de terem tido contato com as novas teorias de linguagem, não podemos esquecer a experiência desses enquanto alunos cujas imagens sobre ser professor foram sendo construídas ao longo de sua formação escolar. O aluno de licenciatura já teve contato bastante diversificado com o exercício da profissão que escolheu e, por causa disso, é o seu discernimento na escolha dos modelos a imitar que vai dar rumo ao seu trabalho: selecionar, entre os professores que teve, modelos de postura em sala de aula, de procedimentos didáticos, de seleção e organização do conteúdo. Assim, o licenciando acaba sendo também responsável por sua própria formação.

A modalização **pragmática** aparece nos textos relacionada ao agir dos estagiários, revelando suas intencionalidades e apontando para a responsabilidade que eles assumiram em relação ao processo de que são agentes. As vozes dos estagiários nos enunciados (“tentei incentivar os alunos a gostarem de ler”; “tentei enveredar pelos caminhos da leitura e da produção oral e escrita”; “procurei perceber o que já sabiam sobre o assunto”; “procurei trabalhar o ensino de produção de textos” “a estagiária tentou trabalhar a gramática”) levam-nos a perceber suas intenções, direcionando-

nos a acreditar nesse agir responsável, uma vez que são notórias as ações que pretenderam desenvolver em sala de aula durante o estágio prático. Os modalizadores “tentei” e “procurei” nas sequências descritas permitem a identificação de aspectos do “real da atividade de trabalho”, isto é, indicando não só o que foi efetivamente realizado pelos estagiários, mas também o que eles desejaram fazer, o que não conseguiram realizar.

Quanto à modalização **lógica**, ou seja, aquela que consiste em julgamentos sobre o valor de verdade das proposições enunciadas, foi a menos frequente nos relatórios. Vejamos as ocorrências dessa modalização:

Excerto (16): **Fiquei ciente** de que o estágio foi apenas uma ponta do iceberg e que, para ter uma visão mais ampla da língua portuguesa, necessitamos mergulhar no seu conhecimento para entender o seu mecanismo e as suas minúcias.

Excerto (17): **Sem dúvida**, no estágio acabei aprendendo com os alunos mais do que o que eles aprenderam comigo. Aprendi, durante o estágio, a importância de ouvir, dialogar...

Excerto (18): **Evidentemente**, o desenvolvimento da competência gramatical não se dá pela simples memorização de regras ou de ortografia ostentadas pelas gramáticas normativa e prescritiva.

Os excertos 16 e 17 revelam o grau de certeza sobre o que a prática de estágio significou para os formandos. É possível, ainda, observar que essas avaliações expressam um certo grau de subjetividade do produtor, por meio de sua implicação ao relatar sua experiência. Já no excerto 18, o modalizador “evidentemente” apresenta um produtor que quer fazer parecer que a avaliação expressa retrata mais uma simples constatação de uma certa realidade.

### Considerações finais

Sobre as avaliações representadas nos relatórios, apareceram com mais regularidade as modalizações apreciativas, traduzindo um julgamento mais subjetivo a respeito do agir dos professores regentes, das aulas dos estagiários e do comportamento dos alunos. Esse tipo de modalização foi mais frequente nos relatórios porque os elementos do conteúdo temático desse gênero são objeto de julgamento pessoal, principalmente, no que diz respeito às observações das aulas. Parece-nos apropriado apontar a proposição de que, ao observarmos o outro no seu trabalho, analisamos suas

ações, questionando-as, confrontando-as e avaliando-as perante as representações que construímos a respeito de nosso papel profissional.

Ocorreram modalizações deônticas quando se conferiu ao professor de Língua Portuguesa, de maneira generalizada, a responsabilidade pela realização de determinadas ações. Essas avaliações foram feitas por meio de modalizadores situados no domínio do dever, da ordem e da conduta, implicando que, para se chegar à execução, o interlocutor aceite o valor de verdade do enunciado. Ou seja, as modalizações deônticas presentes nos relatórios revelam um produtor comprometido com o que diz e que deseja atuar sobre seu interlocutor ao apresentar uma proposta considerada não só adequada, mas necessária no contexto em que aparece.

A modalização pragmática aparece nos relatórios, marcada pelos verbos tentar e procurar, revelando as intenções dos estagiários na realização de seu trabalho. Tais modalizadores indicam aspectos do trabalho real dos estagiários, revelando não somente o que conseguiram realizar, mas também o que gostariam de ter feito.

Apareceram, em menor número, as modalizações lógicas por meio das quais o enunciador exprime o grau de certeza em relação à atividade de estágio e em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, reforçando a posição dos agentes-produtores sobre o conteúdo proposicional.

Enfim, defendemos a ideia de que pela descrição e pela compreensão do próprio agir é possível identificar os detalhes da situação do trabalho docente e compreender suas especificidades, para que, com isso, possamos desenvolver o próprio *métier*. Acreditamos que quanto mais conhecimentos tivermos sobre os elementos que constituem o agir docente e as suas interações, assim como as diferentes dimensões desse agir, melhor poderemos atuar para seu desenvolvimento.

## Referências

BRONCKART, J-P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. Por que e como analisar o trabalho do professor. In: Bronckart, J.-P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matêncio et al. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 203-229.

\_\_\_\_\_. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

FLÔRES, L. L.; OLÍMPIO, L. M. N.; CANCELIER, N. L. **Redação**: o texto técnico/científico e o texto literário, dissertação, descrição, narração, resumo, relatório. Florianópolis: UFSC, 1996. Série Didática.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LEURQUIN, E. V. L. F. O relatório como um viés de acesso para o ensino e aprendizagem de língua materna. In: MATTES, Marlene Gonçalves; THEOBALD, Pedro (Org.). **Ensino de línguas**: questões práticas e teóricas. 1 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 57-80.

LOPES, M. Â. P. T. Relatórios de estágio: opacidade e vaguidão na análise do agir do professor. In: GUIMARÃES, A.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado de Letras, 2007.